

**O CAPITAL, O ESTADO E SUAS INSTITUIÇÕES NA FORMAÇÃO DO  
SUBÚRBIO CARIOCA- UM OLHAR SOBRE LUGARES DA FREGUESIA DO  
ENGENHO VELHO**

Fatima Gabriela Soares de Azevedo<sup>1</sup>, Alice Rocha Gomes Santos<sup>2</sup>

Orientação: Prof. Dr. Joaquim Justino Moura dos Santos<sup>3</sup>

1-Graduanda em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,  
[gabrielasoaes.azevedo@yahoo.com.br](mailto:gabrielasoaes.azevedo@yahoo.com.br)

2 - Graduanda em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,  
[alice\\_unirio@yahoo.com.br](mailto:alice_unirio@yahoo.com.br)

3- Professor Adjunto II da Escola de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,  
[jjmsantos@hotmail.com](mailto:jjmsantos@hotmail.com)

A capital brasileira, no período que vai do final do século XIX ao início do século XX, alocada no Rio de Janeiro, precisava se modernizar. De acordo com Eulália Lobo, a cidade formava, pioneiramente, um pólo atrativo para o estabelecimento de indústrias manufatureiras e se destacava por possuir o porto mais importante do país, sendo a principal “porta de entrada e de saída” do Brasil, apesar de perder gradativamente o destaque como exportador de café (LOBO, 1978: 449-463).

Entretanto, o ideal europeu de estrutura urbana, até a reforma de Pereira Passos, não podia ser concretizado, pois a cidade guardava ainda resquícios da época colonial, com ruas e becos estreitos, em situação de precária higiene e saneamento. Por outro lado, espaços da cidade havia conhecidos por sua beleza e requinte, habitados pela elite social.

Para realizar a modernização, o poder público se deparava com obstáculos relativos à questão social. A área central da cidade era ocupada por população de baixa renda, que padecia de sérias deficiências em serviços essenciais básicos, tais como saúde, transporte, cultura e habitação. Verifica-se na História do Brasil a ação do Estado no sentido do favorecimento de uma pequena parcela da população em detrimento do atendimento das necessidades de uma ampla maioria .

Apesar da precariedade das condições de vida, ainda era vantajoso permanecer no centro, uma vez que tal região abrigava as oportunidades de trabalho (formal e informal), fator decisivo para tal extrato social. Nesse sentido, salienta Maurício de Abreu:

“ Com efeito, morar na área central significava muito mais do que não ter gastos com transporte. Para muitos trabalhadores livres ou escravos de ganho, o trabalho tinha que ser procurado diariamente, e sob condições das mais adversas, dada a crescente concorrência da força de trabalho imigrante. Estar próximo ao centro significava garantir a sobrevivência, mesmo porque, para grande parte da população ativa, constituída de vendedores ambulantes e de prestadores dos mais variados serviços, o trabalho não existia enquanto local, mas só era obtido como decorrência das demandas advindas da aglomeração de um grande número de pessoas e de atividades econômicas. E isso quase que exclusivamente no centro, razão pela qual o número de cortiços continuava a crescer nas freguesias centrais, não importando que as condições de moradia fossem, aí as mais precárias possíveis”<sup>1</sup>

A materialização do projeto modernizador se daria através de mentes que viam na política o meio para concretizar suas formulações pessoais, se daria nos governos dos intelectuais liberais engajados. Pensada em moldes europeus, especificamente parisienses, a modernização carioca previa o embelezamento da cidade e sua maior industrialização, de modo a acelerar seu desenvolvimento. Para tal, era necessário direcionar os recursos e as parcerias disponíveis de acordo com os interesses em jogo. Para favorecer o desenvolvimento era preciso deixar livre a área central da cidade, remover o entulho urbano dos espaços úteis para o capital e suas instituições.

---

1 ABREU, Maurício <sup>a</sup> “Da habitação ao Habitat: A Questão da Popular no Rio de Janeiro e sua Evolução” Op.Cit.48

A Reforma Pereira Passos (1902 – 1906) alarga avenidas, embeleza a cidade, com ênfase no centro e na zona sul. Os setores que antes ocupavam áreas que passariam a ser cobiçadas por outros interesses, passam a ser “abrigados” em outro lugar; um lugar que no início não enxergam como seu, mas onde vão construir relações próprias e uma dinâmica que traz outra caracterização. A questão social e a modernização – duas faces de um mesmo projeto - influem na formação do subúrbio carioca e na sua própria identidade, bem como na sua caracterização como lugar de magia e abandono.

A desigualdade no Rio de Janeiro passa a ficar definida no espaço de outro modo - não há mais proximidade física entre os detentores do capital e os trabalhadores, os desempregados, os que estão a mercê das oportunidades. Cada classe social passa a ter um papel e um espaço próprios (e distantes) a ocupar diante do projeto político econômico vigente na cidade.

O deslocamento para as áreas da periferia da cidade fora facilitado pelo incremento das linhas ferroviárias, que datam do mesmo período, e pela expansão das indústrias para tais zonas. As indústrias, além de outros fatores, procuravam por recursos enérgicos em potencial que facilitassem seu funcionamento.

Este é o caso da companhia América Fabril, que tem sua gênese em uma fábrica de tecidos localizada na Raiz da Serra, região serrana do estado do Rio de Janeiro. Em 1875 a construção da fábrica, que ganhou o nome de Companhia de Tecidos Pau Grande (CTPG), é concluída e suas atividades começam a pleno vapor. Em 1891, a empresa dá início a uma expansão, englobando a Fábrica Cruzeiro, no Andaraí Grande, na freguesia do Engenho Velho, iniciando suas atividades em 1895. Ao incorporar a nova unidade, é mudada a razão social para Companhia América Fabril (CAF).

A instalação dessas indústrias podia implicar na criação de uma verdadeira rede de auxílio e assistências aos seus trabalhadores e seus filhos, como o acompanhamento de

doenças — tratando-as quando possível — além da educação primária, creches, entre outros benefícios custeados pela companhia.

Este acompanhamento social por parte do setor industrial demonstra a vigilância e o controle que exercia o capital na vida operária, não apenas nas fábricas e suas seções, mas também presentes dentro das famílias e de seu cotidiano.

A formação do subúrbio está ligada- como se pretende afirmar- à conjugação dos interesses do capital aos do Estado, de modo que as instituições de ambos se conectam no sentido de realização de um fim comum. Se as classes desfavorecidas representavam através de suas moradias e reivindicações um empecilho à atuação do Estado, este a deslocava para se livrar de um problema sem de fato solucioná-lo, aplicando medida meramente paliativa. O poder público concentra seus investimentos, sua atenção, no favorecimento de uma parcela muito menor da população mas que, contudo, era sua aliada de projeto sócio econômico. As indústrias, por sua vez, exercem esta forma de controle no mesmo sentido. O operariado deveria ser regulado e afastado de modo a não se constituir em entrave aos objetivos do grande capital.

Caracterizado como lugar de concentração de problemas de toda sorte, especialmente os infra-estruturais, o subúrbio, área residencial proletária, distante do centro e suas oportunidades, consegue criar sobre si um envoltório de magia e fascínio. A grande ocupação do subúrbio não é pensada por aqueles que se tornam seus moradores, o que se constitui em fator de estranhamento. Mas, apesar da identificação com o território não partir de um ato voluntário, ela se dá. O morador suburbano possui sentimento de pertencimento ao seu espaço, passa a conhecê-lo e desenvolve ali sua forma de cultura própria.

Destinado a abrigar muitas das mazelas cariocas, o subúrbio abriga também alguns grandes atrativos da sua cidade, a exemplo do samba, em sua forma mais genuína. A construção da imagem suburbana é bem compreendida sob o prisma da dialética. Seus elementos formadores permitem o traçado de um perfil irregular e único, que encontra

raízes nas primeiras relações políticas brasileiras e um contorno próprio nas ligações estabelecidas no lugar.

A história do subúrbio, entendida pela ótica do oprimido, revela não só traços de uma política claramente identificada com o capital, mas também a resistência de seus moradores a um projeto de cuja elaboração não participaram. O modo de vida suburbano desperta curiosidade e é objeto de diversas obras literárias, textos e canções.

Para entender a cidade do Rio de Janeiro é necessário que se compreenda seu passado e suas transformações. A mudança que a conjuntura da modernidade traz para a cidade é vital para que se entenda sua posição no jogo político internacional e também seu rearranjo interno (que atende a essa configuração externa). A entrada e a expansão do capital dão o tom de diversos processos pelos quais o Rio de Janeiro precisa passar para se encaixar nos moldes exigidos globalmente.

O subúrbio e o suburbano, estigmatizados e idealizados, são compreendidos através da análise destes processos, mas não se restringem a eles; a dinâmica do subúrbio se constrói também por seus próprios atores sociais. Pelo entendimento da ótica de cada força ali atuante é que se conhece a história e que se contrói o perfil de uma sociedade marcada pela dicotomia de vencedores e vencidos (e seus diferentes relatos e contribuições para os processos históricos).

#### **BIBLIOGRAFIA**

- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio Janeiro: INPLANRIO/Zahar, 1987.
- BARROS, José D'Assunção. *“Cidade e História”*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BENCHIMOL, J. L. *“Pereira Passos; um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX”*. 1º. ed. RIO DE JANEIRO:

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES,  
DIVISAO DE EDITORACAO BIBLIOTECA CARIOCA V. 11, 1990.

- BENJAMIN, Walter, 1892 – 1940. *“Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura”* ; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin - 7ª Ed - São Paulo: Brasiliense, 1994- (Obras Escolhidas, v.1)
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *“Uma Introdução à História”* 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *História do Rio de Janeiro. (do capital comercial ao capital industrial financeiro). vol. 1. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.*
- MORAES, José Geraldo Vinci de. *“Cidade e Cultura Urbana na Primeira República”* 6ª Ed. São Paulo: Atual,2001.
- SANTOS, Joaquim Justino Moura dos . *“O Subúrbio do Rio de Janeiro: sua formação.”* In: XIX Simpósio Nacional de História - História e Cidadania, 1997, Belo Horizonte. Anais do XIX Simpósio Nacional de História - História e Cidadania, realizado pela ANPUH, na UFMG., 1997. v. 1. p. 166-167.